Nimuendajú Indigenista

JÚLIO CEZAR MELLATTI

Em boa hora as Edições Loyola republicam em um só volume, sob o título de *Textos Indigenistas,** vários relatórios de Curt Nimuendajú, anteriormente dispersos em periódicos diversos, alguns dos quais nem sempre acessíveis em qualquer biblioteca e um deles apenas disponível numa edição mimeografada. O volume prefaciado (: 5-7) e coordenado por Paulo Suess, contém uma Introdução de Carlos de Araújo Moreira Neto (: 9-23) e republica uma nota biográfica redigida por Herbert Baldus (: 25-31).

Pouco temos a dizer que acrescente algo à excelente Introdução de Moreira Neto. Apenas discordamos quando chama Herman Von Ihering apenas de antropólogo (: 11), quando sabemos que esse pesquisador, formado em medicina, trabalhou, sobretudo, na área da zoologia, fazendo incursões também na botânica; a ele caberia mais adequadamente a denominação, usada na sua época, de naturalista.

O volume reproduz os seguintes textos de Nimuendajú, indicando nas suas páginas finais (: 247-248) as fontes de que foram retirados:

1) "O fim da tribo Otí", de 1910 (: 33-40);
2) "Carta sobre a pacificação dos Coroados", de 1912 (: 41-45);
3) "Os índios Parintintin do rio Madeira", de 1924 (: 46-110);
4) "As tribos do alto Madeira", de 1925 (: 111-122);
5) "Reconhecimento dos rios Içana, Ayarí e Uaupés", de 1927 (: 123-191);
6) "Os índios Tukuna", de 1929 (: 192-208);
7) "Índios Machacalí", de 1939 (: 209-218);
8) "Os Gorotire", de 1940 (: 219-243);
9) "Carta sobre a expedição armada contra os índios Parakanã", de 1945 (: 244-245).

* Nimuendajú, Curt *Textos Indigenistas,* São Paulo, Edições Loyola, 1982, 251 p. (coleção Missão Aberta. 6).

Ainda que não tenham sido todos escritos para um mesmo tipo de leitor — uns são dirigidos a particulares, outros ao Serviço de Proteção aos Índios e ainda alguns talvez redigidos para fins de publicação — os textos, de um estilo vivo, espontâneo, cheio da energia de um homem empenhado na defesa das sociedades que estudava, às vezes até com uma pitada de humor, contrastam com redação mais contida das traduções de suas monografias para o inglês, como bem repara Moreira Neto (: 12).

Desses relatórios, aquele cuja leitura se faz, provavelmen, te, com mais interesse é o referente a "Os Índios Parintintin do rio Madeira", onde Nimuendajú narra as atividades da frente de atração do SPI, dirigida por ele, que, finalmente, entrou em contato amistoso com aqueles índios. Essa atração serviu de motivo ao romance *O instinto supremo,* de Ferreira de Castro. O famoso autor de *A selva,* que trabalhara na sua juventude num seringal do rio Madeira, e que partilhara, com os patrões, gerentes e seringueiros da região, do temor e talvez do ódio aos Parintintin, ao escrever aquele romance, prometido a Rondon, baseou-se, entre outras fontes, no relatório de Nimuendajú. Este é um dos principais personagens daquela obra literária, ainda que Ferreira de Castro não pareça ter realizado um estudo de outros trabalhos do etnólogo, de modo a captar-lhe com mais aproximação as idéias que fazia dos índios, como deixa transparecer num trecho dúbio do romance (5.ª edição, Lisboa: Guimarães, s.d., : 79-81). É certo que em outros relatórios Nimuendajú, vez por outra, deixa escapar alguma expressão que pode ser tomada como preconceituosa, como considerar os Múra-Pirahá extremamente indolentes (: 117), tomar certas culturas indígenas como mais adiantadas que outras (: 169-170), ou achar grosseiros os traços fisionômicos dos Tukúna (: 193). Apesar dessas frases inadvertidas, de nenhum modo Nimuendajú chegava ao ponto de tomar como pueris ou ingênuos certos costumes indígenas, como parece insinuar o romancista.

Porém, mais do que as peripécias da atração dos Parintintin, o que impressiona nesse relatório é a etnografia (: 70-110) que faz Curt Nimuendajú, consciente das limitações da mesma, concernente aos costumes desses índios, baseado apenas nas observações que fazia, primeiro durante os assaltos ou ameaças de ataque, depois durante as visitas dos índios ao posto, ou nos vestígios deixados por eles na região. Apesar de nunca ter entrado numa aldeia Parintintin habitada, consegue uma copiosa soma de informações tomadas em condições muitas vezes adversas. Ajudou-o o conhecimento que tinha da língua Guarani e da língua geral, que lhe permitiu conversar direta-

mente com os Parintintin, também falantes de uma língua da família Tupi-Guarani.

Esse mesmo conhecimento lingüístico lhe abre a oportunidade de fazer um apaixonado comentário, em outro relatório ("Reconhecimento dos rios Içana, Ayarí e Uaupés"), sobre a língua geral falada pela população brasileira do alto rio Negro e imposta por ela, como língua franca, aos índios (: 171-174). Além de considerar a língua geral como fundada em um dialeto Tupi mutilado pelos conquistadores e cheio de intromissões de palavras portuguesas, lamenta a variedade falada no rio Negro como a mais corrupta. A falta de isenção nesse comentário corre por conta da imensa simpatia de Nimuendajú pela conservação das tradições culturais indígenas.

É digno de nota que, no mesmo relatório, evita chamar os grupos indígenas do alto rio Negro de "tribos", preferindo aplicar-lhes o termo "clã", dando-lhes, pois, um tratamento bem mais de acordo com os conhecimentos atuais referentes àquela região.

Tanto este relatório como aquele dedicado a "Os Gorotire" nos mostram que a paixão de Nimuendajú pelos índios não o impedia de ser bastante realista. Em ambos critica os missionários, no primeiro os Salesianos, no segundo um evangélico, Horace Banner, mas também reconhece a importância deles para a defesa e sobrevivência dos indígenas. Considera-os como o menor dos males, e até como um benefício frente aos abusos dos comerciantes, aventureiros, seringueiros, balateiros. Sem dúvida, Nimuendajú dá preferência ao Serviço de Proteção aos Índios, mas reconhece as limitações desse órgão no que tange a recursos financeiros e pessoal preparado para as tarefas indigenistas, sendo de opinião que, se o SPI não pudesse se manter em uma dessas regiões, no caso a do rio Negro, que ficasse a missão.

Mas Nimuendajú sabia que as missões têm uma outra face. No que tange ao rio Negro, mostra como o motivo da aversão dos Salesianos às grandes habitações coletivas não era a aludida promiscuidade, mas sim, por constituirem o baluarte da organização e tradição indígena (: 190). Prevê que a situação entre os Gorotire mudaria quando Horace Banner deixasse de operar exclusivamente pelo exemplo para dar início à catequese, procurando converter os índios aos dogmas de sua religião. E sua previsão parcialmente se cumpre no mesmo número da *Revista do Museu Paulista* que publicou seu relatório sobre *Os Gorotire* (Nova Série, vol. 6, 1952, : 427-453), doze anos após sua redação e seis após sua morte, pois publica também, logo nas páginas seguintes (: 455-459) um artigo do missionário

Horace Banner, sobre "A casa-dos-homens Gorotire", o qual, depois de mostrar de modo admirável a importância dessa instituição na ordem tradicional da referida sociedade indígena, defende a idéia de que é fundamental para o trabalho de catequese ou de civilização dos índios a supressão ou a neutralização da mesma.

Nimuendajú, por outro lado, mal poderia prever que alguns de seus relatórios viriam a ser publicados um dia numa coleção missionária, como é o caso do volume *Textos Indigenistas* aqui comentado. É o reconhecimento de que seus esforços não foram vãos e contribuiram até para a reformulação da atividade missionária de boa parte da Igreja Católica e de alguns setores dos evangélicos.

Quem está familiarizado com áreas onde há grupos indígenas em contato recente, em processo de atração ou isolados se admira como os relatórios de Nimuendajú que tratam de áreas na mesma situação fazem aflorar certos temas que parecem recorrentes naquelas: a acusação dos regionais a missionários estrangeiros de que estão, na verdade, interessados na pesquisa de recursos naturais (: 241); a disputa da glória de ter atraído um grupo indígena (: 242); as tentativas de atração de índios isolados por particulares na perseguição de seus próprios interesses (: 58).

Também cabe registrar a atitude firme de Nimuendajú, tanto com relação aos civilizados, pronto para defender pela força, por exemplo, os índios do alto rio Negro contra brasileiros e colombianos que cometiam toda sorte de abusos nas malocas (: 146, 155), como também com relação aos índios, propondo a ostentação de uma decidida autoridade e fazendo demonstração do poder das armas de fogo àqueles Parintintin que, diferentemente da maioria de seus companheiros, ainda insistiam em hostilizar os funcionários do posto de atração (: 65-67).

O volume mantém a ortografia das fontes, o que não parece ter sido uma boa opção, pois linotipistas e revisores, no cuidado com uma grafia a que não mais estão habituados, acabam cometendo ou deixando passar uma série de pequenos erros que, por vezes, perturbam a leitura. Mas isso não diminui nosso reconhecimento pelo enorme benefício que veio trazer a reunião e reedição desses preciosos relatórios.